

E SE O SEU FUTURO FOSSE O PASSADO?

OUTLANDER

A CRUZ DE FOGO

LIVRO CINCO - PARTE I



DIANA GABALDON





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

*Este livro é para minha irmã, Theresa Gabaldon,
com quem contei as primeiras histórias.*

Sobrevivi à guerra e perdi muito. Sei pelo que vale e pelo que não vale a pena lutar.

A honra e a coragem estão entranhadas em nossos ossos, e aquilo pelo que um homem mata é também, por vezes, aquilo pelo que morre.

E por isso, ó homem, as mulheres têm ancas largas: aquele mesmo abrigo ósseo será lugar tanto do homem quanto do filho que ele gera. A vida de um homem surge dos ossos de uma mulher, e no sangue dela a honra dele é batizada.

Só pelo amor eu voltaria a atravessar o fogo.

PARTE I

In Medias Res



FELIZ É A NOIVA
QUE O SOL ILUMINA

Monte Hélicon
Colônia Real da Carolina do Norte
Fim de outubro de 1770

Acordei com a chuva batendo na lona, com a sensação do beijo do meu primeiro marido na boca. Pisquei, desorientada, e, por reflexo, toquei os lábios com os dedos. Para manter a sensação ou para camuflá-la?, perguntei-me.

Jamie se remexeu e murmurou ao meu lado, adormecido, seu movimento fazendo subir o cheiro de galhos de cedro debaixo do cobertor sobre o qual estávamos deitados. Talvez a passagem do fantasma o tivesse perturbado. Franzi o cenho ao olhar para o ar vazio do lado de fora de nossa barraca.

Vá embora, Frank, pensei.

Ainda estava escuro do lado de fora, mas a névoa que subia da terra úmida tinha um tom cinza-perolado. O amanhecer não tardaria. Nada se movia, nem dentro, nem fora, mas eu tinha a clara sensação de estar sendo contemplada por um olhar irônico que alcançava minha pele como o mais leve dos toques.

Eu não deveria vir para vê-la se casar?

Eu não sabia se as palavras tinham se formado nos meus pensamentos ou se elas – e o beijo – eram apenas produto do meu subconsciente. Eu havia adormecido ainda pensando nos preparativos para o casamento. Não era de surpreender que despertasse tendo sonhos com a cerimônia e com a noite de núpcias.

Alisei a musselina amassada de minha camisola, percebendo, com certa vergonha, que ela estava enrolada na altura da cintura e que minha pele estava avermelhada por causa de algo mais do que apenas uma noite de sono. Não me lembrava de nada concreto a respeito do sonho que havia me despertado, apenas uma confusão de imagens e sensações. Pensei que talvez isso fosse bom.

Virei-me sobre os galhos farfalhantes e me acomodei mais perto de Jamie. Ele estava quente e exalava um aroma agradável de madeira queimada e uísque, com um odor suave de homem, como a nota grave de um acorde demorado. Eu me espreguicei bem devagar, arqueando as costas de modo que minha pélvis encos-

tasse em seu quadril. Se ele estivesse indisposto ou dormindo profundamente, o gesto teria sido leve o bastante para não ser notado. Se não...

Ele não estava. Abriu um leve sorriso, os olhos ainda cerrados, e sua mão enorme desceu devagar pelas minhas costas até agarrar minhas nádegas com firmeza.

– Humm? – fez ele. – Hummmm.

Suspirou e relaxou, voltando a dormir, preso a mim.

Eu me acomodei mais perto ainda. A proximidade física de Jamie era mais do que suficiente para afastar a sensação persistente dos meus sonhos. E Frank – se é que *era* Frank de fato – estava certo, naquela situação. Tenho certeza de que, se fosse possível, Bree gostaria de ter os dois pais em seu casamento.

Eu estava desperta agora, mas confortável demais para me mexer. Chovia lá fora; uma chuva leve, mas o ar estava frio e úmido o suficiente para tornar o ninho de cobertores mais convidativo do que a ideia distante de um café quente. Principalmente porque, para fazer café, eu teria que ir até o rio buscar água, acender a fogueira – minha nossa!, a madeira estaria úmida, mesmo que o fogo não tivesse se extinguido por completo –, moer o café em um pilão de pedra e passá-lo, enquanto folhas molhadas resvalariam nos meus tornozelos e gotas dos galhos das árvores escorreriam pelo meu pescoço.

Estremecendo só de pensar, puxei o cobertor de cima para cobrir meu ombro e voltei à lista mental de preparativos com a qual havia adormecido.

Comida, bebida... felizmente, não tinha que me preocupar com isso. A tia de Jamie, Jocasta, cuidaria dos preparativos. Ou melhor, seu mordomo negro, Ulysses, o faria. Os convidados do casamento... nenhuma dificuldade. Estávamos no meio da maior Reunião de Escoceses das Terras Altas nas Colônias, e havia comida e bebida. Convites por escrito não seriam necessários.

Bree teria um vestido novo, pelo menos – também presente de Jocasta. De lã azul-marinho, já que a seda era cara demais e pouco prática para a vida em lugares remotos. Era bem diferente do cetim branco e das flores de laranjeira que imaginei que ela usaria quando se casasse – mas aquele casamento em nada lembrava algo que alguém teria visualizado nos anos 1960.

Fiquei tentando imaginar o que Frank teria achado do marido de Brianna. Provavelmente, teria aprovado Roger. Ele era historiador – ou tinha sido um dia –, como Frank. Era inteligente e bem-humorado, um músico talentoso e um homem gentil, totalmente dedicado a Brianna e ao pequeno Jemmy.

O que é, de fato, admirável, pensei ao olhar para a névoa, nessas circunstâncias.

Você também acha, não é? As palavras se formaram no meu ouvido como se ele as tivesse dito, irônico, rindo de si mesmo e de mim.

Jamie franziu o cenho e apertou minhas nádegas, dando leves sopros enquanto dormia.

Você sabe que acho, eu disse, por dentro. *Sempre achei, e você sabe disso, então, pare de perturbar, sim?!*

Eu me virei decidida e acomodei a cabeça no ombro de Jamie, buscando refúgio na textura do linho macio e amarrotado de sua camisa.

Na verdade, eu acreditava que Jamie estava menos inclinado do que eu – e talvez menos do que Frank – a dar crédito a Roger por ter aceitado Jemmy como seu filho. Para Jamie, não passava de obrigação – um homem honrado não faria nada diferente. E eu sabia que ele tinha suas dúvidas a respeito da capacidade de Roger de cuidar de sua família e protegê-la nos ermos da Carolina do Norte. Roger era alto, forte e capaz – mas “boina, cinto e espada” eram coisas que ele só ouvia em músicas. Para Jamie, eram parte de seu ofício.

A mão em minhas nádegas me apertou forte de repente, e eu me sobressaltei.

– Sassenach – disse Jamie, meio grogue –, você está se remexendo como um girino na mão de uma criança. Precisa se levantar e ir ao banheiro?

– Ah, você está acordado – falei, sentindo-me meio tola.

– *Agora* estou – disse ele.

A mão se afastou e ele se espreguiçou, gemendo. Os pés descalços apareceram na ponta do cobertor, os dedos compridos se esticando.

– Desculpe. Não quis acordar você.

– Ah, não se preocupe – retrucou ele. Pigarreou e passou a mão pelos cabelos ruivos e soltos, piscando. – Eu estava tendo sonhos infernais. Isso sempre acontece quando durmo com frio. – Ele olhou em direção à ponta do cobertor, remexendo os dedos expostos com desânimo. – Por que não dormi de meias?

– É mesmo? Com o que sonhou? – perguntei, sentindo certa inquietação. Torci para que ele não tivesse sonhado com as mesmas coisas que eu.

– Com cavalos – respondeu, para meu alívio imediato. Eu ri.

– Que tipo de sonho infernal você poderia ter envolvendo cavalos?

– Deus, foi terrível. – Ele esfregou os olhos com os punhos e balançou a cabeça, tentando afastar o sonho da mente. – Tinha a ver com os reis irlandeses. Lembra-se do que MacKenzie estava dizendo sobre isso, ontem, junto à fogueira?

– Reis irland... ah! – Eu me lembrei e ri de novo. – Sim, lembro.

Corado pelo triunfo de seu novo compromisso, Roger havia entretido as pessoas ao redor da fogueira na noite anterior com canções, poemas e divertidas anedotas históricas – e uma delas falava sobre os ritos por meio dos quais os reis irlandeses antigos eram coroados. Um deles envolvia o candidato bem-sucedido copulando

com uma égua branca diante da multidão, supostamente para provar sua virilidade – apesar de eu achar que aquilo servia mais para provar o *sangue-frio* do cavalheiro.

– Eu estava encarregado do cavalo – disse Jamie. – E *tudo* estava dando errado. O homem era baixo demais, e eu tive que encontrar algo em que ele pudesse subir. Encontrei uma pedra, mas não consegui erguê-la. Depois, um banquinho, mas a perna se soltou na minha mão. Então comecei a empilhar tijolos para fazer uma plataforma, mas eles se despedaçaram. Por fim, disseram que não havia problema, que simplesmente cortariam as patas da égua. Tentei impedi-los, enquanto o homem que se tornaria rei mexia nas calças, reclamando que os botões não queriam se abrir, então alguém notou que se tratava de uma égua *negra* e que não serviria.

Resfoleguei, abafando a risada no tecido da camisa dele, com receio de acordar alguém que estivesse perto dali.

– Foi quando você acordou?

– Não. Por algum motivo, fiquei muito ofendido com aquilo. Eu disse que *serviria*, que, na verdade, a égua negra era um cavalo muito melhor, porque todo mundo sabe que cavalos brancos têm olhos fracos, de forma que os filhotes seriam cegos. E eles disseram que não, não, o negro trazia azar, e eu insistia que não e... – Ele parou, pigarreando.

– E...?

Ele me olhou de esquelha, um rubor claro subindo por seu pescoço.

– Bem, eu disse que serviria e que mostraria a eles. Eu havia acabado de segurar as ancas da égua para que ela não se mexesse e estava me preparando para... ah... para me tornar rei da Irlanda. Foi quando acordei.

Eu ri e resfoleguei, sentindo o corpo dele vibrar com uma risada contida.

– Ah, agora sinto *muito* por ter acordado você! – Sequei os olhos no canto do cobertor. – Tenho certeza de que foi uma grande perda para os irlandeses. Mas fico me perguntando como as rainhas da Irlanda se sentiam em relação a essa cerimônia – acrescentei em seguida.

– Acho que as mulheres não passariam nem perto do mesmo sofrimento – disse Jamie. – Mas já soube de homens que gostam de...

– Eu não estava pensando *nisso* – retruquei. – Estava pensando mais nas questões de higiene, se é que me entende. Colocar a carroça na frente do cavalo é uma coisa, mas colocar o cavalo antes da rainha...

– O... ah, sim. – Ele estava ruborizado e se divertindo, mas corou mais intensamente naquele momento. – Pode dizer o que quiser a respeito dos irlandeses, Sassenach, mas acho que eles se lavam de vez em quando. E, naquelas circunstâncias, o rei pode até mesmo ter pensado que um pouco de sabão seria útil em... em...

– *In medias res*? No meio de tudo – sugeri. – Certamente que não. Afinal, uma égua é bem grande, relativamente falando...

– É uma questão de disposição, Sassenach, não só de espaço – disse ele, lançando-me um olhar de recriminação. – E sei que um homem pode precisar de certo incentivo, devido às circunstâncias. Ainda que seja *in medias res*, de qualquer modo – acrescentou ele. – Você já leu Horácio? Ou Aristóteles?

– Não. Nem todo mundo é tão erudito quanto você. E nunca tive muito tempo para Aristóteles depois que soube que ele coloca as mulheres abaixo dos vermes em sua classificação do mundo natural.

– O homem não devia ser casado. – A mão de Jamie subiu devagar pelas minhas costas, tocando minhas vértebras por cima da camisola. – Caso contrário, tenho certeza de que ele teria notado que as mulheres têm ossos.

Eu sorri e toquei a maçã do rosto dele, pálida e lisa.

Nesse momento, vi que o céu havia clareado, amanhecia. O contorno da cabeça dele se projetava contra a lona clara de nossa barraca, mas eu conseguia ver seu rosto com clareza. A expressão me fez lembrar por que ele havia tirado as meias na noite anterior. Infelizmente, nós dois estávamos tão cansados depois das festas prolongadas que adormecemos enquanto nos abraçávamos.

Considerarei essa lembrança tardia muito confortante, já que explicava tanto o estado de minha camisola quanto os sonhos que tinham me despertado. Ao mesmo tempo, senti uma corrente de ar gelado penetrar por debaixo do cobertor e estremei. Frank e Jamie eram homens muito diferentes, e não havia dúvida sobre qual deles tinha me beijado pouco antes de eu despertar.

– Me beije – pedi de repente a Jamie.

Nenhum de nós dois havia escovado os dentes, mas ele obedeceu e resvalou os lábios nos meus e então, quando coloquei a mão em sua nuca e o pressionei mais contra mim, ele apoiou o peso em uma das mãos para poder afastar as roupas de cama emaranhadas em nossas pernas.

– Ah! – exclamou quando o soltei. Sorriu, os olhos azuis se encolhendo até restarem apenas frestas à pouca luz. – Bem, para falar a verdade, Sassenach, preciso sair por um instante primeiro.

Ele afastou o cobertor e ficou de pé. De onde eu estava no chão, tive uma visão um tanto heterodoxa do que havia por baixo da barra de sua camisa comprida de linho. Esperava muito que o que estava vendo não fosse o resultado de seu pesadelo, mas achei melhor não perguntar.

– É melhor você se apressar – falei. – Está clareando; as pessoas vão se levantar em breve.

Ele assentiu e saiu, abaixando-se. Fiquei parada, ouvindo. Alguns pássaros piavam ao longe, mas estávamos no outono; nem mesmo a claridade total despertaria os coros estrondosos ouvidos na primavera e no verão. A montanha e seus muitos campos ainda estavam adormecidos, mas eu percebia movimentações ao meu redor, ainda que quase inaudíveis.

Corri os dedos pelos cabelos, ajeitando-os sobre os ombros, e me virei, à procura da garrafa de água. Sentindo o ar frio às minhas costas, olhei por cima do ombro, mas já havia amanhecido e a névoa desaparecera. O ar do lado de fora estava cinzento, mas parado.

Toquei a aliança de ouro na mão esquerda, devolvida a mim na noite anterior e ainda pouco familiar depois da longa ausência. Talvez tivesse sido a aliança de Frank que o chamara para os meus sonhos. Talvez à noite, na cerimônia do casamento, eu a tocasse de novo, de propósito, torcendo para que ele pudesse ver de alguma forma a felicidade da filha através dos meus olhos. Mas, por ora, ele não estava ali, e eu fiquei contente.

Ouvi um som ao longe, um pouco mais alto do que os grasnados distantes dos pássaros da manhã. O choro breve de um bebê despertando.

Antes eu pensava que, independentemente das circunstâncias, não deveria haver mais do que duas pessoas em uma cama de casal. Continuava pensando assim. No entanto, era mais difícil afastar um bebê do que o fantasma de um antigo amor. A cama de Brianna e de Roger tinha forçosamente que acomodar três.

A barra da lona foi erguida, revelando o rosto de Jamie. Ele parecia agitado.

– É melhor você se levantar e se vestir, Claire – disse ele. – Os soldados estão reunidos perto do riacho. Onde estão as minhas meias?

Eu me sentei imediatamente. Além da encosta da montanha, os tambores começaram a retumbar.

A névoa fria pairava como fumaça nos vales à nossa volta. Uma nuvem havia se assentado sobre o monte Hélicon e o ar estava denso por causa da umidade. Eu olhei para o mato à minha frente, onde um esplendoroso batalhão do 67º regimento das Terras Altas estava reunido à beira do riacho, tambores retumbando e o tocador de gaita de foles da companhia em ação, sem se importar com a chuva.

Eu sentia muito frio e estava um tanto irritada. Havia me deitado esperando acordar com café quente e uma refeição nutritiva, já que depois viriam dois casamentos, três batizados, duas extrações de dentes, a remoção de uma unha encravada e outras formas divertidas de interação social envolvendo uísque.

Mas, em vez disso, tinha sido despertada por sonhos inquietantes, que levaram a insinuações sexuais, e em seguida arrastada para a garoa fria *in maldito medias res*, aparentemente para ouvir algum tipo de proclamação. E sem café.

Demorou um tempo para que os escoceses se levantassem e descessem a encosta, e o gaitista já estava quase roxo quando soprou pela última vez, um toque dissonante. Os ecos ainda ressoavam na encosta quando o tenente Archibald Hayes parou diante de seus homens.

A voz com timbre anasalado como um pífaro do tenente Hayes era forte, e o vento soprava a favor dele. Ainda assim, eu tinha certeza de que as pessoas em pontos mais altos da montanha ouviam muito pouco. Aos pés da encosta, porém, não estávamos a mais do que 20 metros do tenente e eu ouvi cada palavra, apesar dos meus dentes tiritantes.

– *Por SUA EXCELENCIA, O CAVALHEIRO WILLIAM TRYON, Capitão-Geral de Sua Majestade, Governador e Comandante, da dita Província e por toda ela* – Hayes leu, levantando a voz acima do barulho do vento e da água e dos murmúrios premonitórios da multidão.

As árvores e as pedras estavam cobertas pela umidade da névoa, as nuvens despejavam, sem parar, uma chuva fina e congelante, e os ventos erráticos tinham feito a temperatura cair cerca de 15 graus. Minha canela esquerda, sensível ao frio, latejou no ponto onde eu havia quebrado o osso dois anos antes. Alguém dado a portentos e a metáforas talvez se sentisse tentado a fazer comparações entre o clima ruim e a leitura da Proclamação do Governador, pensei – os prospectos eram igualmente arrepiantes e proféticos.

– *Visto que* – reverberou Hayes, dirigindo um olhar ameaçador para a multidão por cima do papel – *recebi informações de que um grande número de pessoas escandalosas e desordeiras se reuniram de maneira tumultuosa na cidade de Hillsborough, nos dias 24 e 25 do mês passado, durante a sessão da Corte Superior de Justiça do dito distrito para se opor às Justas Medidas do governo e em franca violação das leis de seu país, atacando audaciosamente o juiz de Sua Majestade na execução de seu ofício, espancando e ferindo, como bárbaros, várias Pessoas durante a sessão da dita Corte, realizando outras ofensas e insultos ao governo de Sua Majestade, cometendo as mais violentas afrontas contra as pessoas e as propriedades dos habitantes desta cidade, brindando à ruína do seu legítimo soberano rei George e ao sucesso do pretendente...*

Hayes fez uma pausa, tomando ar para conseguir dizer a frase seguinte. Inflando o peito de modo audível, ele continuou a ler:

– *Com a finalidade, portanto, de que as pessoas envolvidas nos mencionados*

Atos afrontosos sejam levadas à Justiça, eu, seguindo a orientação e com a permissão do Conselho de Sua Majestade, trago a público minha proclamação, exigindo e determinando que todos os juizes de paz de Sua Majestade neste governo conduzam uma diligente averiguação dos crimes e tomem o Depoimento das Pessoas que se apresentem diante deles a fim de prestar informações a respeito dos mesmos; depoimentos estes que serão transmitidos a mim, para serem apresentados à Assembleia Geral, em New Bern, no trigésimo dia do próximo mês de novembro, até quando permanecerá prorrogada para o imediato despacho de ofício público.

O rosto de Hayes estava quase tão roxo quanto o do tocador de gaita.

– Firmado por mim e com o Grande Selo da Província em New Bern, no dia 18 de outubro, no décimo Ano do Reinado de Sua Majestade, 1770 do ano de Nosso Senhor.

– Assinado, William Tryon – Hayes concluiu, com um último sopro de ar fumegante.

– Sabe de uma coisa? – falei para Jamie. – Acredito que tenha sido uma só frase, menos o final. Incrível, até mesmo para um político.

– Silêncio, Sassenach – disse ele, os olhos ainda fixos em Archie Hayes.

Atrás de mim, ouvi a multidão se inquietar, tomada por interesse e consternação – com um toque de diversão diante das frases sobre brindes à traição.

Aquela era uma reunião de escoceses, muitos deles exilados nas Colônias na esteira dos levantes jacobitas, e se Archie tivesse escolhido tomar nota oficialmente do que era dito em meio a copos de cerveja e uísque compartilhados ao redor das fogueiras na noite anterior... mas, ao mesmo tempo, ele tinha menos de quarenta soldados consigo e, o que quer que pensasse a respeito do rei George e do possível fracasso do monarca, era sábio o bastante para guardar para si.

Cerca de quatrocentos escoceses cercaram a pequena cabeça de ponte na margem do riacho, atraídos pelo soar dos tambores. Homens e mulheres se abrigavam entre as árvores além da clareira, vestidos com seus tartãs e *arisaid*s enrolados no corpo para se protegerem do vento cada vez mais forte. Eles também estavam cautelosos, a julgar pelos rostos sérios visíveis sob boinas e cachecóis. A expressão deles, é claro, poderia se dever tanto ao frio quanto a uma prudência natural. Minhas bochechas estavam rígidas; a ponta do nariz, dormente e, desde o amanhecer, eu não sentia mais os pés.

– Qualquer um que deseje fazer uma declaração a respeito desses assuntos importantes pode se dirigir a mim, as informações fornecidas estarão seguras – anunciou Hayes, o rosto redondo oficialmente inexpressivo. – Permanecerei em minha tenda com meu assistente durante todo o dia. Deus abençoe o Rei!

Entregou a Proclamação ao cabo, fez uma reverência à multidão e se encaminhou depressa para uma grande tenda de lona perto das árvores, com bandeiras do regimento esvoaçando loucamente em um estandarte ao lado.

Tremendo, enfiei a mão pela abertura da capa de Jamie e a apoiei na dobra de seu braço, meus dedos frios confortados pelo calor do corpo dele. Jamie pressionou o cotovelo contra o corpo por um segundo ao sentir minha mão gélida, mas não olhou para mim. Ele observava Archie Hayes enquanto ele se afastava, olhos semicerrados contra o vento cortante.

Um homem atarracado e forte de considerável presença, o tenente se movimentava com firmeza, como se alheio à multidão na encosta à frente. Entrou na tenda, deixando o pano erguido, de maneira convidativa.

Não era a primeira vez que eu admirava com relutância o instinto político do governador Tryon. A Proclamação claramente estava sendo lida em cidades e vilarejos por toda a colônia. Ele poderia ter designado um magistrado local ou um xerife para levar sua mensagem oficial de fúria àquela reunião, mas dera-se ao trabalho de enviar Hayes.

Archibald Hayes iniciara a campanha militar em Culloden ao lado do pai, aos 12 anos. Ferido na batalha, fora capturado e mandado para o sul. Tendo de escolher entre ser degredado ou entrar para o exército, ele aceitara a oferta do rei e a aproveitara ao máximo. O fato de ter sido promovido a oficial aos 30 e poucos anos, em uma época na qual a maioria dos cargos era comprada, e não conquistada, era prova suficiente de suas habilidades.

Ele era tão bem-apegoado quanto profissional. Ao ser convidado para comer e se sentar diante do fogo conosco na noite anterior, Hayes passou metade da noite conversando com Jamie – e a outra metade, passando de fogueira a fogueira sob a égide da presença de Jamie, sendo apresentado aos líderes de todas as famílias importantes ali presentes.

De quem teria sido aquela ideia?, eu me perguntei, olhando para Jamie. Seu nariz comprido e afilado estava vermelho por causa do frio, os olhos semicerrados contra o vento, mas o rosto não dava a menor pista do que lhe passava pela cabeça. E isso, pensei, era um bom indício de que ele estava pensando em algo bastante perigoso. Será que ele sabia daquela Proclamação?

Nenhum oficial inglês, com uma tropa inglesa, poderia ter levado uma notícia como aquela esperando obter cooperação. Mas Hayes e seus escoceses, firmes com seus tartãs... Eu não havia deixado de notar que Hayes erguera sua tenda de costas para uma mata farta de pinheiros. Qualquer pessoa que quisesse conversar com o tenente em segredo poderia se aproximar pela mata sem ser visto.

– Hayes espera que alguém surja da multidão, corra para dentro de sua tenda e se entregue no ato? – murmurei para Jamie. Pessoalmente, eu conhecia pelo menos uma dúzia de homens entre os presentes que tinham participado dos distúrbios em Hillsborough – três deles estavam bem perto de nós.

Jamie viu para onde eu olhava e pousou a mão sobre a minha, apertando-a em um pedido silencioso de discrição. Baixei as sobrancelhas enquanto olhava para ele: não podia estar pensando que eu entregaria alguém inadvertidamente. Ele abriu um sorriso tímido para mim acompanhado de um daqueles irritantes olhares de marido que dizia, com mais clareza do que palavras: *Sabe como você é, Sas-senach. Quem olha para o seu rosto descobre exatamente o que você está pensando.*

Eu me aproximei um pouco e dei um chute discreto em seu tornozelo. Meu rosto podia ser transparente, mas com certeza não chamaria atenção no meio de uma multidão como aquela! Ele não se retraiu, mas o sorriso se abriu um pouco mais. Passou um braço por dentro da minha capa e me puxou para mais perto, com a mão nas minhas costas.

Hobson, MacLennan e Fowles estavam logo à nossa frente, falando baixinho entre si. Os três vinham de um pequeno vilarejo chamado Drunkard's Creek, a cerca de 24 quilômetros de nossa casa na cordilheira dos Frasers. Hugh Fowles era genro de Hobson e muito jovem, não passava dos 20. Estava fazendo o melhor que podia para manter a compostura, mas seu rosto ficara pálido e suado conforme era lida a Proclamação.

Eu não sabia o que Tryon pretendia fazer com as pessoas que haviam participado da revolta quando isso fosse comprovado, mas sentia as ondas de inquietação criadas pela Proclamação do governador tomando a multidão como a corrente de água descendo pelas pedras no riacho próximo.

Vários prédios tinham sido destruídos em Hillsborough, e muitos oficiais tinham sido arrastados para a rua e agredidos. Corriam boatos de que um deles, que ironicamente ostentava o título de juiz de paz, havia perdido um dos olhos devido a um golpe de chicote. Sem dúvida levando muito a sério aquela demonstração de desobediência civil, o chefe de justiça Henderson fugiu por uma janela e sumiu da cidade, impedindo, assim, que a Corte se reunisse. Era evidente que o governador tinha ficado *muito* irritado com o que acontecera em Hillsborough.

Joe Hobson olhou para Jamie, e então desviou o olhar. A presença do tenente Hayes na nossa fogueira na noite anterior não passara despercebida.

Se Jamie notou o olhar, não o retribuiu. Encolheu um dos ombros, inclinando a cabeça para baixo a fim de falar comigo.

– Não acho que Hayes espere que alguém se entregue. Pode ser sua obrigação

pedir informação; graças a Deus não tenho nada a dizer. – Ele não falou muito alto, mas apenas o suficiente para que Joe Hobson conseguisse ouvir.

Hobson virou a cabeça e fez um leve meneio para Jamie. Tocou o braço do genro, e eles se viraram, subindo a encosta em direção ao acampamento mais acima, onde as mulheres do vilarejo estavam cuidando do fogo e das crianças menores.

Aquele era o último dia da Reunião. À noite, haveria casamentos e batizados, a bênção formal do amor e de seus frutos barulhentos, nascidos dos ventres da multidão carente de igreja durante o ano anterior. Então, as últimas canções seriam cantadas, as últimas histórias seriam contadas e haveria dança em meio às chamas de muitas fogueiras – com ou sem chuva. Pela manhã, os escoceses e o seu pessoal se dispersariam de volta para suas casas, espalhadas pelas margens colonizadas do rio Cabo Fear até as montanhas selvagens do oeste – levando as notícias acerca da Proclamação do governador e dos acontecimentos em Hillsborough.

Remexi os dedos dos pés dentro dos sapatos úmidos e me perguntei, inquieta, quem na multidão poderia pensar que era sua obrigação responder ao convite de Hayes para confessar ou incriminar alguém. Não Jamie. Mas poderiam pensar assim. Houvera muito alarde a respeito das revoltas em Hillsborough durante a semana da Reunião, mas nem todos os que ouviam encaravam os revoltosos como heróis, de modo algum.

Eu percebia e ouvia o murmúrio das conversas surgindo depois da Proclamação – cabeças se virando, famílias se reunindo, homens passando de grupo em grupo, conforme o conteúdo do discurso de Hayes ia sendo transmitido colina acima, repetido a quem estava longe demais para ouvir.

– Vamos? Ainda há muito que fazer antes dos casamentos.

– É mesmo? – Jamie olhou para mim. – Pensei que os escravos de Jocasta estivessem cuidando da comida e da bebida. Dei a Ulysses os barris de uísque, ele vai ser o *soghan*.

– Ulysses? Ele trouxe a peruca? – Sorri ao pensar naquilo. O *soghan* era o homem encarregado da distribuição de bebidas e refrescos em um casamento das Terras Altas – o termo significa algo como “homem espalhafatoso e jovial”. Ulysses era possivelmente a pessoa mais digna que eu já tinha visto, mesmo sem a peruca chamativa de crina de cavalo.

– Se ele trouxe, provavelmente vai estar em sua cabeça hoje à noite. – Jamie olhou para o céu e balançou a cabeça. – Feliz é a noiva que o sol ilumina – disse ele. – Feliz é o cadáver sobre o qual a chuva cai.

– É disso que gosto nos escoceses – retruquei de modo seco. – Um provérbio adequado para todas as ocasiões. Não ouse dizer isso na frente da Bree.

– O que acha que eu sou, Sassenach? – perguntou ele, com um meio sorriso para mim. – Sou o pai dela, não sou?

– Definitivamente é. – Reprimi o repentino pensamento sobre o outro pai de Brianna e olhei para trás, para ter certeza de que ela não estava ouvindo.

Não havia sinal de seus cabelos ruivos entre as pessoas próximas. Sendo filha de quem era, media 1,80 metro com sapatos sem salto. Era quase tão fácil localizá-la quanto era localizar Jamie em uma multidão.

– Não é do banquete do casamento que preciso cuidar, a propósito – falei, voltando a olhar para Jamie. – Preciso cuidar do café da manhã e depois atender com Murray MacLeod na clínica pela manhã.

– É mesmo? Pensei que você tivesse dito que o tal do Murray era um charlatão.

– Eu disse que ele era ignorante, teimoso, uma ameaça à saúde pública – eu o corriji. – Não é a mesma coisa... exatamente.

– Não mesmo – disse Jamie sorrindo. – Você vai educá-lo, então... ou envenená-lo?

– O que me parecer mais eficiente. No mínimo, pode ser que eu pise, sem querer, na lanceta dele e a quebre; provavelmente é a única maneira de fazer com que ele pare de sangrar as pessoas. Mas vamos, estou congelando!

– Sim, vamos – concordou Jamie, olhando para os soldados ainda reunidos na margem do rio em posição de descansar. – Sem dúvida, Archie vai manter seus homens ali até a multidão se dispersar. Eles estão ficando com as extremidades meio azuladas.

Apesar de estarem completamente armados e uniformizados, a fileira de escoceses estava relaxada; imponente, com certeza, mas não mais ameaçadora. Meninos pequenos – e meninas pequenas também – andavam de um lado a outro entre eles, sacudindo com insolência a barra dos kilts dos soldados ou se precipitando, com atrevimento, a tocar os mosquetes reluzentes, os cantis pendurados e os cabos dos punhais e espadas.

– Abel, *charaid!* – Jamie havia parado para cumprimentar os últimos homens de Drunkard's Creek. – Já comeu hoje?

MacLennan não trouxera a esposa para a Reunião e, portanto, comia onde a sorte o levasse. A multidão se dispersava, mas ele permanecia firme em sua posição, segurando as pontas de um lenço de flanela vermelha sobre a cabeça careca para se proteger da chuva. Provavelmente esperando um convite para tomar café da manhã, pensei com cinismo.

Olhei para seu corpo atarracado, estimando mentalmente a quantidade de ovos, mingau e pão que ele comeria, levando em conta os mantimentos reduzi-

dos que tínhamos. Não que uma simples falta de alimentos impedisse um escocês de oferecer hospitalidade – por certo não Jamie, que estava convidando MacLennan para se juntar a nós, enquanto em minha cabeça eu dividia dezoito ovos por nove pessoas em vez de oito. Não os fritaria, então; em vez disso, prepararia uma fritada com batatas assadas, e era melhor pegar mais café no acampamento de Jocasta enquanto subíamos a montanha.

Nós nos viramos para partir e a mão de Jamie de repente escorregou pelas minhas costas. Emiti um som impróprio, e Abel MacLennan se virou para olhar para mim, espantado. Abri um largo sorriso para ele, lutando contra a vontade de dar mais um chute em Jamie, menos discreto dessa vez.

MacLennan se virou para a frente e subiu a ladeira a nossa frente com rapidez, as pontas do casaco balançando por cima das calças puídas. Jamie apoiou meu cotovelo para me ajudar a subir as rochas e se inclinou para a frente para murmurar no meu ouvido:

– Por que diabo não está usando anáguas, Sassenach? – perguntou. – Não tem nada por baixo da saia... vai morrer de frio!

– Você tem razão – concordei, estremecendo, apesar de estar usando a capa. Na verdade, eu estava com uma camisola de linho por baixo do vestido, mas era uma peça fina e puída, adequada para um acampamento no verão, mas não o suficiente para me proteger do vento frio de inverno que soprava através da minha saia como se ela fosse de gaze.

– Você estava usando anáguas de lã ontem. O que aconteceu com elas?

– Você não vai querer saber – garanti.

Ele ergueu as sobrancelhas ao ouvir isso, mas antes que pudesse fazer mais perguntas, ouvimos um grito vindo de trás de nós.

– Germain!

Eu me virei e vi uma cabecinha loura de cabelos esvoaçantes cujo dono vinha descendo a toda a encosta abaixo das rochas. Germain, de 2 anos, havia se aproveitado da preocupação da mãe com a irmã recém-nascida para escapar e correr até os soldados. Fugindo, descia a encosta íngreme correndo e ganhava velocidade.

– Fergus! – gritou Marsali. O pai de Germain, ao ouvir seu nome, desviou a atenção da conversa a tempo de ver o filho tropeçar em uma pedra e voar de cabeça. Acrobata nato, o menininho não fez nenhum movimento para se salvar, mas caiu de modo gracioso, rolando como um tatu-bola quando um de seus ombros tocou o gramado. Continuou rolando pelas fileiras de soldados como uma bala de canhão, foi lançado da beirada de uma rocha e caiu dentro do riacho, espirrando água.

Todos arfaram assustados, e várias pessoas desceram a colina correndo para ajudar, mas um dos soldados já tinha corrido até a margem. Ajoelhado, ele enfiou o cano da baioneta em meio às roupas flutuantes do menino e o puxou, todo encharcado, para a terra.

Fergus correu para dentro da água congelante e estendeu os braços para pegar o filho.

– *Merci, mon ami, mille merci beaucoup* – disse ele ao jovem soldado. – *Et toi, toto* – continuando, chacoalhando de leve o filho ensopado. – *Comment ça va*, seu pequeno desatinado?

O soldado parecia assustado, mas eu não sabia dizer se era devido ao dialeto desconhecido de Fergus ou ao gancho reluzente que ele usava no lugar da mão esquerda.

– Tudo bem, senhor – disse ele com um sorriso tímido. – Ele não se feriu, acredito.

Brianna apareceu de repente de trás de uma castanheira, com Jemmy, de seis meses, sobre um dos ombros, e tomou a bebê Joan dos braços de Marsali.

– Pronto, pode me dar a Joanie – disse ela. – Vá cuidar do Germain.

Jamie tirou a capa pesada dos ombros e a colocou sobre os braços de Marsali no lugar do bebê.

– Isso, e diga ao soldado que o salvou para vir compartilhar de nossa fogueira – pediu ele. – Podemos alimentar mais um, Sassenach?

– Claro – respondi, refazendo rapidamente os cálculos mentais. Dezoito ovos, quatro pães amanhecidos para fazer torrada – não, eu precisava guardar um deles para a viagem de volta para casa no dia seguinte –, três dúzias de bolinhos de aveia se Jamie e Roger ainda não os tivessem comido, meio jarro de mel...

O rosto magro de Marsali se iluminou com um sorriso triste, compartilhado por nós três, e então ela se foi, apressando-se para ajudar seus homens molhados e trêmulos.

Jamie a observava se afastar com um suspiro de resignação, quando o vento soprou por dentro das mangas de sua camisa e as estufou com um ruído abafado. Ele cruzou os braços sobre o peito, encolhendo os ombros contra o vento, e sorriu para mim com o canto da boca.

– Bem, acho que vamos congelar juntos, Sassenach. Mas tudo bem. Eu não desejaria viver sem você de qualquer modo.

– Ah – respondi afavelmente. – Você poderia viver nu sobre um iceberg e o derreteria, Jamie Fraser. O que fez com seu casaco e seu tartã? – Ele não estava usando nada além do kilt e da camisa, sapatos e meias, e as maçãs de seu rosto

estavam avermelhadas pelo frio, assim como as pontas das orelhas. Quando enfiei novamente a mão na dobra do seu braço, no entanto, vi que ele estava quente como sempre.

– Você não vai querer saber – disse ele, sorrindo, e cobriu minha mão com a palma grande e cheia de calos. – Vamos; estou faminto, quero tomar o café da manhã.

– Espere – falei, me afastando. Jemmy não queria dividir o colo da mãe com outra criança, e resmungava e se contorcia em protesto, o rostinho redondo ficando vermelho de irritação sob a touca de lã azul. Eu estendi os braços e o peguei do colo de Brianna enquanto ele se debatia sem parar.

– Obrigada, mãe. – Brianna sorriu brevemente, colocando a pequena Joan em uma posição mais segura, apoiada em seu ombro. – Mas tem certeza de que quer segurar esse aí? Esta aqui está mais calma e tem metade do peso.

– Não, tudo bem. Vamos, querido, venha com a vovó. – Eu sorri ao dizer isso, ainda tomada por aquela sensação nova, um misto de surpresa e felicidade por poder ser a avó de alguém. Ao me reconhecer, Jemmy parou de fazer manha e se agarrou a mim como sempre fazia, as mãozinhas gorduchas segurando meus cabelos com força. Desembaraçando os dedos dele, olhei por cima de sua cabeça, mas as coisas lá embaixo pareciam sob controle.

Fergus, com as calças e as meias ensopadas, a capa de Jamie sobre os ombros, ajeitava a frente da camisa com uma das mãos, dizendo algo ao soldado que tinha salvado Germain. Marsali havia tirado seu *arisaid* e enrolara o menininho nele, seus cabelos louros esvoaçando por baixo do lenço como teias de aranha ao vento.

O tenente Hayes, atraído pelo barulho, espiava pela aba da tenda como um molusco de dentro da concha. Ele olhou para cima e nossos olhares se cruzaram. Fiz um breve aceno e me virei para seguir minha família de volta ao nosso acampamento.

Jamie estava dizendo algo a Brianna em gaélico, enquanto a ajudava a atravessar um trecho pedregoso no caminho a minha frente.

– Sim, estou pronta – disse ela, respondendo em inglês. – Onde está seu casaco, pai?

– Emprestei ao seu marido – respondeu ele. – Não queremos que ele pareça um mendigo no casamento, certo?

Bree riu, afastando uma mecha esvoaçante de cabelos ruivos da boca com a mão livre.

– Melhor um mendigo do que um suicida.

– Um o quê? – Eu os alcancei quando saímos da parte protegida pelas rochas. O vento soprava pelo espaço aberto, açoitando-nos com uma neve fina e grãos

de areia, então puxei a touca mais para baixo para cobrir as orelhas de Jemmy e passei o cobertor por cima de sua cabeça.

– Ufa! – Brianna se inclinou sobre a bebê enrolada em seus braços, protegendo-a das rajadas de vento. – Roger estava se barbeando quando os tambores começaram; quase cortou o pescoço. A frente do seu casaco está coberta de manchas de sangue. – Ela olhou para Jamie, os olhos marejados por causa do vento. – Você o viu hoje cedo. Sabe onde ele está agora?

– O rapaz está inteiro – garantiu ele. – Eu disse a ele que fosse conversar com o padre Donahue enquanto Hayes cuidava dos assuntos dele. – Ele lançou um olhar severo para ela. – Você poderia ter me contado que ele não é católico.

– Poderia – respondeu ela, sem se perturbar. – Mas não contei. Isso não é uma questão para mim.

– Se está querendo dizer com essa expressão peculiar que isso não tem importância... – começou Jamie, com a voz um pouco alterada, mas foi interrompido pela chegada do próprio Roger, resplandecente com um kilt de tartã MacKenzie verde e branco, com a faixa combinando por cima do casaco e do colete de Jamie. O casaco servia bem – os dois homens eram grandes, tinham braços compridos e ombros largos, embora Jamie fosse alguns centímetros mais alto – e a lã cinza ficava quase tão bem com os cabelos escuros e a pele morena de Roger quanto com os cabelos avermelhados de Jamie.

– Você está muito bonito, Roger – elogiei. – Onde se cortou? – O rosto dele estava rosado, com a aparência de quem havia acabado de se barbear, mas, tirando isso, não havia marcas.

Roger levava o tartã de Jamie embaixo do braço, um fardo de tartã vermelho e preto. Ele o entregou e inclinou a cabeça, mostrando o corte profundo bem embaixo do queixo.

– Bem aqui. Não foi tão grave, mas sangrou como o diabo. Navalhas não são brincadeira, não é mesmo?

Sobre a ferida já havia se formado uma crosta escura, um corte de cerca de 7 centímetros que ia do canto da mandíbula até a lateral do pescoço. Toquei a pele perto dele de leve. Não estava ruim; a lâmina tinha feito um corte preciso, a pele não necessitava de sutura. No entanto, não era à toa que tinha sangrado muito, parecia mesmo que ele tinha tentado cortar a própria garganta.

– Está meio nervoso esta manhã? – perguntei, provocando. – Não está mudando de ideia, não é?

– Está um pouco tarde para isso – disse Brianna de modo seco, aproximando-se de mim. – Afinal de contas, você tem um filho que precisa de um nome.

– Ele terá tantos nomes que nem saberá o que fazer com eles – Roger garantiu a ela. – Assim como você... sra. MacKenzie.

Brianna corou de leve ao ouvir o nome e sorriu para ele. Roger se inclinou para a frente a fim de beijar a testa dela, pegando o bebê enrolado em seus braços. Um olhar repentino de choque tomou seu rosto quando ele sentiu o peso da criança nos braços e olhou para ela, boquiaberto.

– Não é o nosso – disse Bree, sorrindo diante do susto dele. – É Joan, filha de Marsali. Minha mãe está com Jemmy.

– Graças a Deus – disse ele, segurando a criança com muito mais cuidado. – Pensei que ele tivesse evaporado ou algo assim. – Ele ergueu a criança, cuidadoso, expondo seu rostinho adormecido, e sorriu, como as pessoas sempre faziam ao ver a mecha encaracolada de cabelos castanhos, que se enrolava como a de uma boneca.

– De jeito nenhum – falei, resmungando enquanto segurava um bem nutrido Jemmy, que agora dormia pesado nas próprias cobertas, em uma posição mais confortável. – Acho que ele engordou mais ou menos um quilo na subida. – Eu estava corada por causa do esforço e segurava o bebê um pouco afastado do meu corpo enquanto uma onda repentina de calor fazia meu rosto ruborizar e o suor brotar embaixo dos meus cabelos desgrehados.

Jamie tirou Jemmy do meu colo e o acomodou habilmente embaixo do braço como se fosse uma bola de futebol, com uma das mãos segurando a cabeça do bebê.

– Então, falou com o padre? – perguntou, olhando para Roger com desconfiança.

– Falei – disse Roger, lacônico, respondendo tanto ao olhar quanto à pergunta. – Ele está convencido que eu não sou o Anticristo. Desde que eu concorde que o menino seja batizado como católico, não haverá restrições ao casamento. Eu disse que concordo.

Jamie resmungou em resposta, e eu reprimi um sorriso. Apesar de não ter grandes preconceitos religiosos – ele já havia comandado, combatido e lidado com muitos homens, de todas as religiões –, saber que seu genro era presbiteriano, sem nenhuma intenção de se converter, havia ocasionado alguns comentários.

Bree olhou para mim e abriu um sorriso meio torto, seus olhos se encolhendo em triângulos azuis de um divertimento felino.

– Foi muito inteligente da sua parte não falar sobre religião antes da hora – murmurei, tomando o cuidado de não falar alto demais para que Jamie não me ouvisse. Os dois caminhavam à nossa frente, ainda meio sem jeito, embora

a formalidade do comportamento deles fosse bastante prejudicada pelos panos dos bebês que eles carregavam.

Jemmy gritou de repente, mas o avô o ergueu sem parar de andar, e ele se aquietou, os olhos redondos fixos em nós por cima do ombro de Jamie, protegido pelo cobertor. Fiz uma careta para ele, que abriu um enorme sorriso sem dentes.

– Roger queria tocar no assunto, mas eu falei para ele ficar quieto. – Bree mostrou a língua para Jemmy e então fixou um olhar típico de esposa nas costas de Roger. – Eu sabia que o pai não criaria problemas por causa disso se esperássemos para contar um pouco antes do casamento.

Reparei tanto a maneira astuta com que avaliou o comportamento do pai quanto a facilidade com que falava o escocês. Ela se parecia com Jamie muito além das características óbvias dos traços e do tom da pele e dos cabelos; tinha o talento dele para avaliar as pessoas e a mesma facilidade com idiomas. Ainda assim, algo me perturbava, algo que tinha a ver com Roger e com religião...

Já estávamos perto o bastante dos homens para ouvir a conversa deles.

–... sobre Hillsborough – dizia Jamie, inclinando-se na direção de Roger para poder ser ouvido em meio ao vento. – Pedindo informação sobre os revoltosos.

– É mesmo? – Roger parecia ao mesmo tempo interessado e cauteloso. – Duncan Innes vai querer ouvir isso. Ele estava em Hillsborough durante os conflitos, sabia?

– Não. – Jamie parecia mais do que interessado. – Mal me encontrei com Duncan esta semana. Vou perguntar a ele, talvez, depois do casamento, se ele sobreviver. – Duncan ia se casar com a tia de Jamie, Jocasta Cameron, à noite, e estava nervoso a ponto de ficar prostrado diante dessa perspectiva.

Roger se virou, protegendo Joan do vento com seu corpo enquanto falava com Brianna.

– Sua tia disse ao padre Donahue que ele pode realizar os casamentos na tenda dela. Isso vai ajudar.

– Brrrr! – Bree encolheu os ombros, estremecendo. – Ainda bem. Hoje não é um bom dia para se casar ao ar livre.

Uma castanheira enorme acima de nós espalhou uma chuva de folhas amarelas, como se concordasse. Roger parecia um pouco apreensivo.

– Acho que não é bem o casamento que você sonhou – disse ele. – Quando era menina.

Brianna olhou para Roger e abriu um largo e demorado sorriso.

– O primeiro também não foi – disse ela. – Mas gostei mesmo assim.

A pele de Roger não costumava corar, e suas orelhas estavam avermelhadas

por causa do frio, de qualquer maneira. Ele abriu a boca como se quisesse responder, viu o olhar penetrante de Jamie e voltou a fechá-la, parecendo envergonhado, mas inegavelmente satisfeito.

– Sr. Fraser!

Eu me virei e vi um dos soldados subindo o morro na nossa direção, os olhos fixos em Jamie.

– Oficial MacNair, ao seu dispor, senhor – disse ele, ofegante ao se aproximar de nós. Inclinou a cabeça. – Vim em nome do tenente, para saber se o senhor faria a gentileza de ir vê-lo em sua tenda. – Ele me viu e se inclinou, de maneira menos abrupta. – Sra. Fraser. Meus cumprimentos, senhora.

– Ao seu dispor, senhor. – Jamie retribuiu o cumprimento do oficial. – Diga ao tenente que peço desculpas, mas tenho deveres a cumprir em outro lugar. – Falou educadamente, mas o oficial olhou para ele com severidade. MacNair era jovem, mas não imaturo; um rápido olhar de compreensão tomou seu rosto sério e magro. A última coisa que um homem ia desejar era ser visto indo até a tenda de Hayes sozinho logo depois de sua Proclamação.

– O tenente solicita a presença do sr. Farquard Campbell, do sr. Andrew MacNeill, do sr. Gerald Forbes, do sr. Duncan Innes e do sr. Randall Lillywhite, além do senhor.

Os ombros de Jamie relaxaram.

– É mesmo? – disse ele, sério. Então Hayes pretendia consultar os homens poderosos da região: Farquard Campbell e Andrew MacNeill eram grandes proprietários de terras e magistrados locais; Gerald Forbes, um advogado importante de Cross Creek e juiz de paz; Lillywhite era magistrado da corte. E Duncan Innes estava prestes a se tornar o maior proprietário de fazendas da metade ocidental da colônia, por meio de seu futuro casamento com a tia viúva de Jamie. O próprio Jamie não era nem rico nem oficial da Coroa – mas *era* proprietário de um grande, apesar de ainda quase totalmente vazio, terreno no interior.

Ele deu de ombros levemente e apoiou o bebê no outro ombro, acalmando-o.

– Certo. Pois bem. Diga ao tenente que irei assim que seja conveniente.

Sem se deixar intimidar, MacNair fez uma reverência e partiu, presumidamente em busca dos outros cavalheiros de sua lista.

– E qual é o propósito de tudo isso? – perguntei a Jamie. – Oops. – Estiquei a mão e sequei um fio de saliva que descia do queixo de Jemmy antes que ele chegasse à camisa de Jamie. – Mais um dentinho nascendo, é?

– Já tenho todos os dentes – Jamie me garantiu –, e você também, até onde posso ver. Quanto ao que Hayes pode estar querendo comigo, não sei ao certo. E

também não pretendo descobrir antes do tempo. – Ele ergueu uma sobrancelha ruiva para mim, e eu ri.

– Ah, e existe certa flexibilidade na palavra “conveniente”, não?

– Eu não disse que seria conveniente para *ele* – observou Jamie. – Mas em relação a sua anãgua, Sassenach, e o motivo pelo qual está perambulando pela floresta de traseiro de fora – Duncan, *a charaid!* – O olhar irônico dele se transformou em prazer sincero ao ver Duncan Innes caminhando em nossa direção em meio a um pequeno arvoredado de cornisos desfolhados.

Duncan passou por cima de uma tora caída, processo tornado mais bizarro devido ao fato de ele não ter o braço esquerdo, e chegou até nós, chacoalhando gotículas dos cabelos. Ele já estava vestido para o casamento, com uma camisa limpa e uma peça de linho engomado por cima do kilt, e um casaco vermelho com detalhes de renda dourada, a manga vazia presa com um broche. Eu nunca tinha visto Duncan tão elegante, e disse isso a ele.

– Ah, bem – disse ele, acanhado. – A srta. Jo fez questão. – Ele se desvencilhou das gotas de chuva assim como do elogio, afastando agulhas secas e pedaços de casca de árvore que tinham grudado em seu casaco ao passar pelos pinheiros.

– Brrr! Um dia horroroso, *Mac Dubh*, sem a menor dúvida. – Ele olhou para o céu e balançou a cabeça. – Feliz da noiva que o sol ilumina. Feliz do cadáver sobre o qual a chuva cai.

– Eu fico me perguntando até que ponto um cadáver pode se sentir feliz – ponderei –, quaisquer que sejam as condições meteorológicas. Mas tenho certeza de que Jocasta vai ficar muito feliz, mesmo assim – acrescentei depressa ao ver uma expressão desorientada tomar conta do rosto de Duncan. – E você também, claro!

– Ah... sim – disse ele, um tanto incerto. – Sim, claro. Agradeço, senhora.

– Quando vi o senhor vindo da mata, pensei que talvez o oficial MacNair estivesse nos seus calcanhares – disse Jamie. – Está indo falar com Archie Hayes, certo?

Duncan pareceu um tanto surpreso.

– Hayes? Não, o que o tenente ia querer comigo?

– Esteve em Hillsborough em setembro, não esteve? Aqui, Sassenach, pegue esse pequeno esquilo. – Jamie parou de falar para me entregar Jemmy, que havia decidido se interessar mais pelos procedimentos e tentava escalar o peito do avô, firmando os dedos dos pés e emitindo grunhidos. A atividade repentina, no entanto, não foi o principal motivo para Jamie se livrar do bebê, como descobri quando peguei Jemmy no colo.

– Muito obrigada – falei, torcendo o nariz. Jamie sorriu para mim e guiou Duncan caminho acima, retomando a conversa.

– Humm – murmurei, cheirando com cuidado. – Acabou? Ah, imaginei que não.

Jemmy fechou os olhos, ficou muito vermelho e emitiu um ruído como o de uma rajada de metralhadora abafada. Eu o desenrolei o bastante para dar uma olhada em seu traseiro.

– Nossa! – exclamei, e desenrolei rapidamente o cobertor, bem a tempo. – *O que sua mãe tem dado a você?*

Alegre por ter se livrado dos cueiros, Jemmy agitou as pernas como um moinho, fazendo com que uma substância amarelada e nojenta vazasse pelas laterais da fralda.

– Credo! – limitei-me a dizer e, segurando-o à frente do corpo, parti em direção a um dos pequenos regatos que serpeavam pela encosta da montanha, pensando que apesar de poder me virar sem algumas facilidades, como encanamento e motores, havia momentos em que eu sinceramente sentia falta de coisas como calças plásticas com elásticos nas pernas. Isso sem falar dos rolos de papel higiênico.

Encontrei um bom local à beira do riacho, com uma cobertura espessa de folhas mortas. Eu me ajoelhei, estendi minha capa e coloquei Jemmy sobre ela apoiado nas mãos e nos joelhos, tirando o pano sujo sem me dar ao trabalho de abrir o alfinete.

– Iiiii! – exclamou, surpreso ao sentir o ar frio. Contraí o bumbum gordinho e se encolheu como uma perereca cor-de-rosa.

– Ah! – retruquei. – Se você acha que um ventinho frio no traseiro é ruim, espere só. – Peguei um punhado de folhas amareladas e úmidas e o limpei depressa. Como era uma criança bastante estoica, ele se contorceu e se remexeu, mas não gritou, apenas aumentou o volume do “iiii” enquanto eu limpava as dobrinhas.

Eu o virei e, com uma mão posicionada por garantia sobre a zona de perigo, dispensei tratamento similar a suas partes íntimas, o que fez com que ele abrisse um enorme sorriso sem dentes.

– Ah, você *é* mesmo um homem das Terras Altas, hein? – comentei, sorrindo para ele.

– E o que exatamente você quis dizer com esse comentário, Sassenach? – Olhei para a frente e vi Jamie recostado em uma árvore do outro lado do riacho. As cores vibrantes de seu tartã e do linho branco se destacavam contra a folhagem desbotada de outono; mas o rosto e os cabelos faziam com que ele parecesse uma criatura da floresta, bronze e vermelho, o vento remexendo seus cabelos de modo que as pontas dançavam como as folhas de bordo acima.

– Bem, aparentemente ele não se abala com o frio e com a umidade – res-

pondi, concluindo meu trabalho e descartando o punhado de folhas sujas. – Além disso... bem, não lidei com muitos meninos antes, mas isso não é um tanto precoce?

Um dos cantos da boca de Jamie se curvou ao ver o panorama revelado sob a minha mão. O pequeno membro estava duro como meu polegar e praticamente do mesmo tamanho.

– Ah, não – disse ele. – Já vi muitos garotinhos nus. Todos fazem isso de vez em quando. – Ele deu de ombros, e o sorriso se alargou. – Agora, se isso acontece apenas com rapazinhos *escoceses*, não sei dizer...

– Um talento aperfeiçoado com a idade, ousou dizer – respondi de modo seco. Joguei o pano sujo por cima do curso de água, e ele caiu aos pés de Jamie fazendo barulho. – Tire os alfinetes e lave isso, sim?

Seu nariz comprido e afilado se enrugou um pouco, mas ele se ajoelhou sem demora e pegou cuidadosamente o pano imundo com dois dedos.

– Ah, então foi *isso* que você fez com sua anágua – disse ele.

Eu havia aberto o grande bolso que usava pendurado na cintura e tirara lá de dentro um retângulo de tecido limpo e dobrado. Não o linho cru do pano na mão dele, mas uma flanela grossa, macia e lavada com frequência, tingida de vermelho claro por causa do suco de groselhas.

Eu dei de ombros, dei uma olhada em Jemmy para ver se havia novas explosões e o coloquei sobre a fralda nova.

– Com três bebês usando fraldas, e o tempo úmido demais para que as peças sequem direito, ficamos sem panos limpos. – Os arbustos ao redor da clareira onde havíamos montado nosso acampamento familiar estavam tomados por roupas estendidas, a maioria delas ainda molhada, devido ao clima inoportuno.

– Tome. – Jamie se esticou por cima dos cerca de 30 centímetros do curso de água pontuado de pedras para me entregar os alfinetes retirados da outra fralda. Eu os peguei com cuidado para não os derrubar na água. Meus dedos estavam enrijecidos de frio, mas os alfinetes eram valiosos. Bree os havia feito com ferro aquecido, e Roger entalhara as extremidades em madeira, de acordo com os desenhos dela. Alfinetes perfeitamente bons, ainda que um pouco maiores e mais arcaicos do que as versões modernas. O único defeito era a cola usada para grudar as pontas de madeira ao ferro – feita com nata de leite e aparas de casco, não era à prova d'água, e as pontas tinham que ser coladas de novo com frequência.

Dobrei a fralda com firmeza em torno da barriga de Jemmy e passei um alfinete pelo tecido, sorrindo ao ver a ponta de madeira. Bree pegara um conjunto e entalhara um sapinho engraçado, com um sorriso largo e sem dentes.

– Certo, Sapinho, vamos lá.

Com a fralda presa, eu me sentei e o coloquei no meu colo, ajeitando suas roupas e tentando envolvê-lo de novo no cobertor.

– Cadê o Duncan? – perguntei. – Foi falar com o tenente?

Jamie balançou a cabeça, concentrado em sua tarefa.

– Eu disse a ele que não fosse ainda. Ele *estava* em Hillsborough durante as perturbações que houve lá. É melhor que ele espere um pouco; e então, se Hayes perguntar, ele pode jurar sinceramente que não há nenhum homem aqui que tenha participado das revoltas. – Ele olhou para cima e sorriu, sem humor. – Não vai haver, quando cair a noite.

Observei as mãos dele, grandes e fortes, torcendo o pano lavado. As cicatrizes em sua mão direita normalmente eram quase invisíveis, mas agora se destacavam, linhas brancas irregulares contra a pele avermelhada pelo frio. A situação toda me deixava meio intranquila, apesar de aparentemente não haver conexão direta conosco.

Durante a maior parte do tempo, eu pensava no governador Tryon com nada além de uma leve sensação de nervosismo. Afinal, ele estava em segurança em seu novo palácio em New Bern, separado de nosso pequeno povoado na Cordilheira dos Frasers por 500 quilômetros de cidades costeiras, fazendas, florestas de pinheiros, contrafortes, montanhas virgens e grandes ermos selvagens. Com todas as coisas com as quais ele tinha que se preocupar, como os autointitulados “reguladores” que tinham aterrorizado Hillsborough, e os xerifes e juízes corruptos que tinham provocado o terror, eu acreditava que ele dificilmente teria tempo para pensar em nós. Eu esperava que não.

Entretanto, perdurava o fato desconfortável de que Jamie tinha o título de propriedade de um grande lote de terra nas montanhas da Carolina do Norte, como presente do governador Tryon – e Tryon, por sua vez, guardava um fato trivial, porém importante, na manga: Jamie era católico. E as concessões reais de terra só podiam ser feitas a protestantes, segundo a lei.

Devido ao pequeno número de católicos na colônia, e à falta de organização entre eles, a questão da religião raramente era problema. Não havia igrejas católicas, nem padres residentes católicos; o padre Donahue havia feito a árdua viagem de Baltimore até lá a pedido de Jocasta. A tia de Jamie e seu falecido marido, Hector Cameron, tinham sido influentes na comunidade escocesa local durante tanto tempo que ninguém pensaria em questionar seus antecedentes religiosos, e eu acreditava que poucos dos escoceses com os quais vínhamos celebrando a semana toda sabiam que éramos católicos.

Mas era provável que logo percebessem. Bree e Roger, que estavam unidos de acordo com as tradições escocesas havia um ano, seriam casados pelo sacerdote naquela noite, juntamente com dois outros casais católicos de Bremerton – além de Jocasta e Duncan Innes.

– Archie Hayes – falei repentinamente. – Ele é católico?

Jamie pendurou o pano molhado e balançou as mãos para tirar a água.

– Não perguntei a ele – respondeu –, mas acredito que não. Quer dizer, o pai dele não era; eu me surpreenderia se ele fosse, ainda mais sendo oficial.

– Verdade. – As desvantagens de ser escocês, pobre e ex-jacobita já eram desconcertantes o suficiente. Era incrível que Hayes tivesse superado essas condições e chegado à posição que ocupava no momento, sem o peso extra do catolicismo.

O que me perturbava, no entanto, não era o tenente Hayes e seus homens – eu me preocupava com Jamie. Por fora, ele estava calmo e decidido como sempre, com aquele leve sorriso guardado no canto da boca. Mas eu o conhecia muito bem; eu tinha visto os dois dedos rígidos de sua mão direita – aleijados em uma prisão inglesa – se crisparem contra a lateral de sua perna enquanto contava piadas e casos a Hayes na noite anterior. Mesmo naquele momento, eu podia ver a linha fina que se formava entre suas sobrancelhas quando ele estava perturbado, e não era preocupação em relação ao que ele estava fazendo.

Seria apenas preocupação com a Proclamação? Eu não via motivo para isso, já que nenhum dos nossos havia se envolvido nas revoltas de Hillsborough.

–... um presbiteriano – ele estava dizendo. Olhou para mim com um sorriso forçado. – Como o Roger.

A lembrança que havia me ocorrido mais cedo de repente se encaixou.

– Você sabia... – comecei. – Você *sabia* que Roger não era católico. Você o viu batizar aquela criança em Snaketown, quando ele... o tomou dos índios. – Tarde demais, vi uma sombra atravessar seu rosto, e mordeu minha língua. Quando pegamos Roger e deixamos no lugar dele o amado sobrinho de Jamie, Ian.

Uma sombra atravessou seu rosto por um momento, mas ele sorriu, afastando a lembrança de Ian.

– Sim, eu sabia – disse ele.

– Mas a Bree...

– Ela se casaria com ele mesmo que ele fosse um hotentote – acrescentou ele, para minha surpresa.

– Você não?

Jamie deu de ombros e passou por cima do córrego para o meu lado, secando as mãos molhadas na barra do tartã.

– Ele é um bom rapaz, e é generoso. Assumi o pequeno como filho e não disse uma palavra à moça a esse respeito. Não é nada além do que um homem deveria fazer... mas nem todo homem faria o que ele fez.

Olhei involuntariamente para Jemmy, que estava aconchegado em meus braços. Eu tentava não pensar nisso, mas não conseguia evitar, de vez em quando, procurar em seus traços um sinal qualquer que revelasse quem era seu pai de verdade.

Brianna tinha se unido a Roger, tinha passado uma noite com ele e então, dois dias depois, fora estuprada por Stephen Bonnet. Não havia como saber ao certo quem era o pai, e até aquela ocasião, Jemmy não dava sinais de se parecer nem um pouco com nenhum dos dois. No momento, ele enfiava a mão inteira na boca, com uma careta voraz de concentração, e com seus cabelinhos dourado-avermelhados, não se parecia com ninguém tanto quanto se parecia com Jamie.

– Hum. Então, por que tanta insistência para que Roger fosse testado por um sacerdote?

– Bem, eles vão se casar, de qualquer modo – disse ele logicamente. – Mas quero que o menino seja batizado católico. – Ele encostou a mão enorme na cabeça de Jemmy, alisando com o polegar as pequenas sobrancelhas ruivas. – Então, se eu fizesse um alarde em relação a MacKenzie, achei que eles concordariam com esse *gille ruaidh*, não?

Eu ri e cobri as orelhas de Jemmy com uma ponta do cobertor.

– E eu achei que Brianna já tinha entendido você.

– Ela também acha – disse ele, sorrindo. Ele se inclinou repentinamente e me beijou.

Seus lábios estavam macios e muito quentes. O gosto era de pão com manteiga, e o cheiro, de folhas frescas e falta de banho, com um leve toque do conteúdo da fralda.

– Ah, isso é bom – falei com aprovação. – Faça de novo.

A floresta ao nosso redor estava tranquila, como sempre. Nenhuma ave, nenhum bicho, apenas o farfalhar de folhas acima e o correr da água a nossos pés. Movimento constante, som constante – e, no centro de tudo, perfeita paz. Havia muitas pessoas na montanha, e a maioria delas não estava muito longe – mas ali, naquele momento, era como se estivéssemos sozinhos em Júpiter.

Abri os olhos e suspirei, sentindo o gosto de mel. Jamie sorriu para mim e tirou uma folha amarela que estava presa nos meus cabelos. O bebê estava em meus braços, um fardo quente e pesado, o centro do Universo.

Nenhum de nós falou, não queríamos perturbar aquela quietude. Era como estar na extremidade de um pão, pensei – um turbilhão de coisas e pessoas

rodopiando a toda volta, e um passo em uma direção ou em outra nos lançaria de novo naquele furor giratório, mas ali, bem no centro, havia paz.

Estendi a mão e tirei sementes de bordo do ombro dele. Ele segurou minha mão e a levou aos lábios com uma determinação repentina que me surpreendeu. E, ainda assim, os lábios dele eram suaves, a ponta da língua quente contra a parte macia da base de meu polegar – monte de Vênus, é como se chama, o assento do amor.

Ele levantou a cabeça e eu senti o arrepio repentino em minha mão onde a antiga cicatriz aparecia branca como osso. Uma letra “J”, gravada na pele, a marca dele em mim.

Ele encostou a mão em meu rosto e eu a apertei ali com a minha, como se eu pudesse sentir o “C” esmaecido que ele tinha na palma da mão contra a pele fria do meu rosto. Não dissemos nada, mas a promessa foi feita, como já a tínhamos feito uma vez antes, em um lugar sagrado, nossos pés sobre um pedaço de leito rochoso nas areias movediças da ameaça de guerra.

Não estava perto, não ainda, mas eu ouvia sua aproximação no som dos tambores e da Proclamação, eu a ouvia no brilho do aço, eu sentia o medo dela no coração e nos ossos quando olhava nos olhos de Jamie.

O arrepio tinha passado, e o sangue quente latejava na minha mão como se fosse reabrir a cicatriz antiga e derramar o sangue do meu coração por ele mais uma vez. A guerra viria, e eu não podia impedir.

Mas dessa vez eu não o deixaria.

Segui Jamie para fora da mata, atravessei rochas, areia e grama até o caminho batido que levava para cima, para o nosso acampamento. Eu estava fazendo contas mentalmente, reajustando o que seria necessário para o café da manhã mais uma vez depois de Jamie me contar que tinha convidado mais duas famílias para comer conosco.

– Robin McGillivray e Geordie Chisholm – disse ele, segurando um galho para que eu passasse. – Achei que devíamos fazer com que se sintam bem-vindos; eles querem vir e se estabelecer na Cordilheira dos Frasers.

– É mesmo? – perguntei, abaixando-me quando o galho foi solto atrás de mim. – Quando? E quantos são?

Essas perguntas eram importantes. Estávamos perto do inverno – perto demais para sequer pensar em construir mesmo a cabana mais improvisada para servir de abrigo. Quem quer que fosse para as montanhas agora provavelmente

teria que morar conosco na casa grande, ou teria que se acomodar em uma das pequenas cabanas dos colonos que pontuavam as montanhas. Os escoceses podiam viver, viviam e viveriam em grupos de dez por cômodo quando necessário. Com meu senso de hospitalidade inglês menos desenvolvido, eu torcia para que não fosse preciso.

– Seis McGillivrays e oito Chisholms – respondeu Jamie, sorrindo. – No entanto, os McGillivrays virão na primavera. Robin é armeiro, vai ter que trabalhar em Cross Creek durante o inverno, e sua família ficará com parentes em Salem, a mulher dele é alemã, até o tempo esquentar.

– Ah, que bom. – Mais catorze para o café da manhã, então, além de Jamie e eu, Roger e Bree, Marsali e Fergus, Lizzie e o pai dela, Abel MacLennan, não podia me esquecer dele, ah, e o soldado que havia resgatado Germain, eram 24...

– Vou pegar café e arroz emprestados com a minha tia. – Jamie tinha notado minha expressão cada vez mais preocupada. Ele sorriu e estendeu os braços para pegar o bebê. – Dê-me o rapazinho. Vamos fazer umas visitas e deixaremos seus braços livres para cozinhar.

Eu observei os dois se afastarem com uma leve sensação de alívio. Sozinha, ainda que por alguns instantes. Inspirei profundamente o ar úmido, notando a chuva que batia de leve no meu capuz.

Eu adorava reuniões e ocasiões sociais, mas era obrigada a admitir que a tensão da companhia permanente por dias a fio me dava nos nervos. Depois de uma semana de visitas, fofocas, atendimentos médicos diários e das pequenas mas constantes crises que fazem parte de viver em meio a dificuldades com grandes grupos familiares, eu estava pronta para me enfiar em um buraco embaixo de um tronco de árvore apenas para conseguir ter quinze minutos de privacidade.

Naquele momento, no entanto, pareceu que eu não precisaria me dar ao trabalho. Ouvi gritos, chamados e o som da gaita de foles vindo do alto da montanha. Perturbada pela Proclamação do governador, a Reunião estava retomando o ritmo normal, e todos voltavam para suas famílias, para a clareira onde aconteciam as competições, para os locais onde eram mantidos os animais, além do riacho, ou para os vagões montados para vender de tudo, desde fitas e leiteiras a pilões e limões frescos – bem, relativamente frescos. Ninguém precisava de mim naquele momento.

O dia seria muito agitado, e talvez aquela fosse minha única chance de ficar sozinha em uma semana ou mais – a viagem de volta demoraria pelo menos o mesmo tempo, deslocando-nos lentamente com um grupo grande, que incluía

bebês e carroças. A maioria dos novos arrendatários não tinha cavalos nem mulas, e teria que viajar a pé.

Eu precisava de um momento para mim, a fim de recuperar minhas forças e focar minha mente. O pouco foco que tinha, no entanto, não estava voltado para a logística do café da manhã nem dos casamentos, nem mesmo para os atendimentos médicos que eu ia fazer. Eu pensava ainda mais adiante, depois da viagem, desejava chegar em casa.

Nosso vilarejo ficava no topo das montanhas a oeste, muito além de qualquer cidade – ou mesmo de estradas abertas. Remotos e isolados, recebíamos poucos visitantes. Havia poucos moradores também, apesar de a população estar crescendo; mais de trinta famílias tinham chegado para se estabelecer nas terras concedidas a Jamie, sob sua responsabilidade. A maioria delas era de homens que ele conhecera na prisão, em Ardsmuir. Pensei que Chisholm e McGillivray pudessem ser ex-prisioneiros também; Jamie havia feito um convite permanente a esses homens, e o manteria, não importavam os custos envolvidos em prestar ajuda a eles – ou se podia assumi-los.

Um corvo passou voando em silêncio, lento e pesado, as asas sobrecarregadas pela chuva. Os corvos eram aves de presságio; eu me perguntei se aquele significava uma coisa boa ou ruim. Era raro ver um pássaro voando naquele clima – devia ter algum significado especial.

Bati com a palma da mão na testa, tentando tirar a superstição da cabeça. Viver com os escoceses por tanto tempo fazia com que toda rocha e toda árvore tivessem algum significado!

Mas talvez tivessem mesmo. Havia pessoas por toda parte ao meu redor na montanha, eu sabia, e ainda assim me sentia muito sozinha, protegida pela chuva e pela neblina. O tempo ainda estava frio, mas eu não. O sangue latejava próximo à superfície da minha pele, e eu senti o calor subir até as minhas palmas. Estendi a mão para tocar o pinheiro ao meu lado, gotas de chuva tremulando em cada agulha, o casco da árvore escurecido por causa da água. Senti o aroma do pinheiro e deixei a água tocar minha pele, fria como vapor. A chuva caía silenciosa ao meu redor, molhando minhas roupas até elas se grudarem suavemente ao meu corpo como nuvens sobre a montanha.

Certa vez Jamie me disse que tinha que viver em uma montanha, e agora eu sabia o motivo – apesar de não ser capaz de traduzi-lo em palavras. Todos os meus pensamentos desordenados se acalmaram enquanto eu ouvia a voz das rochas e das árvores – e ouvia o sino da montanha tocar uma vez, em algum lugar profundo abaixo dos meus pés.

Eu poderia ter ficado nesse transe por um tempo, esquecendo-me totalmente do café da manhã, mas as vozes das rochas e das pedras silenciaram e desapareceram com o bater de pés no caminho próximo.

– Sra. Fraser.

Era Archie Hayes, resplandecente com boina e espada, apesar da umidade. Se ficou surpreso ao meu ver de pé no caminho, sozinha, não demonstrou, mas inclinou a cabeça em um cumprimento cortês.

– Tenente. – Eu me inclinei, sentindo o rosto corar como se ele tivesse me flagrado no meio do banho.

– Seu marido está por perto, senhora? – perguntou ele, a voz casual.

Apesar de meu desconforto, senti uma pontada de cautela. O jovem oficial MacNair viera à procura de Jamie, sem sucesso. Se a montanha tinha ido até Mamomé agora, o assunto não era casual. Será que Hayes tencionava arrastar Jamie para algum tipo de caça às bruxas contra os reguladores?

– Acredito que sim. Não sei exatamente *onde* – respondi, esforçando-me para não olhar para o alto da montanha, para o ponto onde o pico de lona da grande tenda de Jocasta se destacava entre as castanheiras.

– Ah, imagino que ele esteja muito ocupado – disse Hayes, à vontade. – Um homem como ele tem muito que fazer, e hoje é o último dia da Reunião.

– Sim. Acredito que... hum... sim.

A conversa terminou, e me vi em um estado de desconforto cada vez maior, perguntando-me como diabos ia escapar sem convidar o tenente para o café da manhã. Nem mesmo uma inglesa conseguiria sair impune da grosseria de não oferecer comida sem um comentário animado.

– Hum... o cabo MacNair disse que o senhor também queria falar com Farquard Campbell – falei, agarrando o touro pelos chifres. – Talvez Jamie tenha ido falar com ele. Com o sr. Campbell, quero dizer. – Acenei esperançosa em direção ao acampamento da família Campbell, que ficava no lado oposto da encosta da montanha, a quase 500 metros do acampamento de Jocasta.

Hayes piscou e gotas escorreram de seus cílios e desceram por seu rosto.

– Sim – disse ele. – Talvez seja isso. – Ele permaneceu ali mais um tempo, e em seguida inclinou o chapéu para mim. – Bom dia, senhora. – Virou-se para subir em direção à tenda de Jocasta. Eu fiquei observando enquanto ele partia, qualquer sensação de paz destruída.

– Maldição – falei baixinho, e fui cuidar do café da manhã.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br